

O REFLORESTAMENTO DE VELHOS CAFEZAIS

NAVARRO DE ANDRADE

*Da Revista do Departamento Nacional
do Café — Dezembro 1935 — An-
no III: N, 30 — Rio de Janeiro,*

Segundo estatísticas fidedignas, já passa de 50 milhões o numero de cafeeiros que foram cortados no Estado de São Paulo, quer pelo alto grau de infestação da broca, quer pela sua baixa produção, ou ainda, como se tem dado nos dois ultimos annos, para a sua substituição por outras culturas, mormente a algodoeira.

Os atuais preços do café e as medidas de restrição de importação impostas por alguns países não justificam, e dentro de pouco tempo não permitirão, a cultura de cafezais de baixa ou pequena produção. Alem disto, os novos sistemas culturaes introduzidos com a lavoura algodoeira operaram uma verdadeira revolução em nossa agricultura e na mentalidade dos antigos colonos. São Paulo está em pleno regimen da parceria agricola e a meação nas culturas deixou de constituir casos esporadicos. Por outro lado, a enorme escassês de braços veio ainda mais agravar o problema, com o natural e consequente encarecimento da mão de obra.

O café não pôde pagar os salarios que o algodão permite e paga, resultando daí a impressionante quantidade de

fazendas com os seus cafezais malissimamente colonizados. Em meados de Outubro do corrente ano, na zona da Alta Paulista, visitei inumeras propriedades em que a colheita estava muito longe do seu termo e em uma delas restavam ainda noventa mil sacas a colher. E convem assinalar que se trata de uma região emminantemente cafeeira, de cafezais novos e de bem alta producção, de trato elevado e para onde afluem os colonos das chamadas zonas velhas.

Já não tem conta os fazendeiros que permitem culturas intercalares em seus cafezaes e hoje é comunissimo ver as ruas dos talhões de cafés plantadas de algodão. Estas transigencias hão de, fatalmente, provocar uma queda na producção do café e não há duvida de que, quanto mais baixa ella for, maior será a dificuldade do lavrador em reduzir o custo de producção, chave de todo problema.

Pelo que tenho podido observar, o fazendeiro vai-se aguentando até onde lhe é possivel e, de repente, bruscamente, resolve abandonar parcelas consideraveis do seu cafezal, abandonando-as em toda a acepção do termo, isto é, deixando o mato tomar conta dos talhões. Nisto, a meu ver, é que está um grande erro.

Ninguem mais pode hoje discutir, sequer, a necessidade do reflorestamento das principaes regiões do nosso Estado e a ninguem é mais permitido deixar de encarar com sombrio aspecto o triste futuro que nos ameaça, com a escassês cada vez maior do unico combustivel que ainda nos resta: a lenha. Há zonas, em São Paulo, em que ela atingiu preços verdadeiramente inacessiveis e muitas cidades já a estão adquirindo a 20\$ a 25\$ por metro cubico. Sómente no ultimo quinquenio, 1930-34, as estradas de ferro paulistas consumiram 14.912.133 metros cubicos de lenha, o que representa praticamente, tres milhões de metros por ano, ou a necessidade da derrubada de cinco mil alqueires de mata anualmente...

Não há riqueza florestal que resista a semelhante sangria, mormente se se considerar que o que se refloresta não atinge a 10 % do que se derruba.

E o mais triste é ainda verificar que o mal tem remedio e que este está ao alcance de todos. Todo o longo caminho

experimental já foi trilhado e vencido e hoje nada mais resta do que seguir o exemplo de outros mais previdentes e precavidos. Graças aos trabalhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, durante 32 anos, São Paulo possui atualmente uma essência capaz de reconstituir rapidamente a nossa vestimenta florestal e, o que é mais importante, de produzir em prazo curtíssimo juros altamente remuneradores. Aquela empresa ferroviária adquiriu, para a formação de seus hortos, várias fazendas velhas, em que encontrou algumas centenas de milhares de cafeeiros. Cultivou os enquanto lhe deram renda compensadora e enquanto não teve necessidade dos terrenos que ocupavam. Logo, porém, que a sua produção começou a declinar, plantou nos vãos dos cafeeiros mudas de eucalipto e nos primeiros anos continuou a tratar do café. A produção que foi em média de 20 arrobas por mil pés, cobriu o trato que, por sua vez, beneficiou os eucaliptos. Sómente no horto florestal de Rio Claro foram assim plantados 465.770 eucaliptos, que estão atualmente com 15 anos. Neste intervalo, fizeram-se as plantações dos antigos talhões de café dois desbastes, para permitir melhor desenvolvimento das árvores que iam ficando, estando êles atualmente com o total de 177.391 eucaliptos de 15 anos, com cerca de 20 metros de tronco aproveitável e com diâmetros variando entre o mínimo de 20 e o máximo de 75 centímetros. Os dois desbastes efetuados produziram o total de 28.490 metros de lenha (2.677 no 1.º desbaste e 25.813 no 2.º), que deixaram o lucro líquido de 121:082\$500, ou sejam 4\$250 por metro, importância mais que suficiente para todo o custeio neste período. Na pior das hipóteses, possui ali a Companhia Paulista 177.391 eucaliptos de 15 anos inteiramente de graça, eucaliptos estes que valem em média 20\$000. Para que esta média não pareça o fruto de uma fantasia, preciso é notar que aquela empresa está vendendo milhares de postes e estacas de eucaliptos, mensalmente, por preços muitos superiores.

Não há fazenda nenhuma de São Paulo, e talvez também nos outros Estados cafeeiros, que não tenha, pelo menos, um talhão de café que se mostre decadente ou de baixa produção. Pois bem, sempre que o fazendeiro notar essa decadência em qualquer parcela do seu cafezal, em vez de explorá-la até a

ultima gota e depois larga-la ao abandono, replante a com eucaliptos nas linhas dos cafeeiros, plantando aqueles de dois metros e meio de distancia na mesma linha. Continue a tratar dêsse trecho do seu cafezal durante mais de dois anos e depois, sim, abandone-o, voltando a ele somente por ocasião da colheita. Passados 6 anos, possuirá, sem nada ter dispendido, um magnifico talhão de eucaliptos em ponto de ser cortado para lenha e ainda com a enorme vantagem de se reconstruir por meio da brotação da touça cortada. E d'ahi ha outros 6 anos novo corte de lenha e assim sucessivamente. Quando se extinguirá esta mina de ouro? Interrogação difficil de ser respondida em nossa terra, pois que na Companhia Paulista já exploramos tres e quatro vezes sucessivas, com intervalos de 5 e 6 anos, varios eucaliptais.

E' o caso de concluir com os mascastes : Simples, bom e barato.

Navarro de Andrade

Condições locais para uma leitaria

- 1) Izolamento das habitações, logares insalubres ou que desprendam maus odores capazes de se transmittirem ao leite.
- 2) As paredes do predio precisam ser rebocadas e pintadas com cal. O tecto deverá ser de madeira pintada a oleo.
- 3) Internamente ao redor das paredes deverá haver um revestimento com mosaico branco numa altura de 2 metros.
- 4) O piso deverá ser impermeavel, liso, com declive necessario para o escoamento das aguas de lavagem.
- 5) Illuminação e ventilação abundante, por meio de portas e janellas guarneçadas por tela fina para evitar a invasão por moscas.
- 6) Installação perfeita de agua potavel e para lavagem, em abundancia.
- 7) Perfeita installação de exgottos para facil escoamento das aguas servidas.